

2. I marcatori discorsivi

Nella lingua scritta, come nel parlato, troviamo dispositivi linguistici che aiutano chi produce il messaggio ad articolare il proprio discorso in modo che al lettore/ascoltatore arrivi il valore ideazionale del messaggio stesso, attraverso una specifica costruzione proposizionale. In altre parole, questi dispositivi aiutano chi scrive, o chi parla, ad esprimersi nella maniera che reputa più opportuna per far recepire, al destinatario, il proprio messaggio. Molti ricercatori non concordano sul nome da dare a questi elementi linguistici, quali davvero ne facciano parte o se possono essere considerati come una categoria grammaticale distinta dalle altre tradizionali categorie grammaticali (Mateus 1983; Moura Neves 1999). Inoltre, la ricerca internazionale non ha trovato un punto d'incontro su un'eventuale catalogazione, di questi elementi, all'interno del loro insieme. Troviamo lavori sui MD sotto varie etichette, molte in lingua inglese, come *cue frases*, *discourse connectives*, *discourse operators*, *discourse particles*, *discourse signalling devices*, *phatic connectives*, *pragmatic expressions*, *pragmatic formatives*, *sentence connectives* (Fraser 1999); marcatori discorsivi, segnali discorsivi per la lingua italiana (Bazzanella 1994); *marcadores conversacionais* e *marcadores discursivos* per la lingua portoghese (Prete 1987) – per citare appena tre lingue in cui questi operatori sono stati analizzati. In questo lavoro verrà adottata l'etichetta “ombrello” di Marcatori Discorsivi (d'ora in poi MD).

All'interno del gruppo eterogeneo dei MD è possibile distinguere i connettivi discorsivi (d'ora in poi CD), le cui funzioni sono direttamente collegate alla coerenza locale e alla coesione di un discorso, dai marcatori interazionali (d'ora in poi MI) collegati, questi ultimi, all'interazione dialogica e una coerenza globale (vd. anche Guerra 2007). Esempi di CD in PE sono: *contudo*, *além disso*, *de facto*, *ao invés*, *pelo contrário*, *portanto*, *quer dizer*, *de qualquer modo*, *já*, *enfim* (Lopes 2016); esempi di MI nel PE sono: *então*, *pronto*, *pá*, *isso*, *nossa*, *xiça* e altri ancora. Per meglio chiarire, si vedano i due esempi proposti a seguire tratti da testi scritti:

- 1) ...por consequência, sugerimos que os verbos, quando associados a um constituinte de função predicativa, acabam por se comportar como tornar-se, isto é, passam a ser copulativos como ser ou parecer, e não transitivo-predicativos. Trata-se, **de qualquer modo**, de uma análise que requereria uma fundamentação que, de momento, não encontramos nem em gramáticas de referência nem em estudos de linguística. (<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/revelar-se-e-mostrar-se-como-verbos-copulativos-e-verbos-transitivo-predicativos/32308>)

2) Em tempos mais recentes, ferrovias, metros subterrâneos, linhas aéreas e companhias de gás e electricidade foram tornadas públicas. O objectivo era proporcionar os seus serviços básicos ao preço de custo ou a preços subsidiados **ao invés** de permitir que fossem privatizados e transformados em oportunidades para a extracção de renda. A Era Progressiva coroou esta transição para uma economia mais equitativa promulgando impostos progressivos sobre o rendimento e a riqueza. (http://resistir.info/crise/hudson_04jan13_parte_4.html)

Negli esempi 1) e 2), è possibile osservare come gli elementi in grassetto mettano insieme due considerazioni, due messaggi, creando un effetto semantico specifico: di riformulazione nel primo caso, contrastivo nel secondo. Questi elementi non interrompono il flusso informativo per le caratteristiche intrinseche della modalità scritta. Appare chiaro che gli elementi evidenziati nei due esempi precedenti siano due connettivi o connettori discorsivi (CD).

L'altro sottogruppo all'interno dei MD, come già detto in precedenza, meglio definibili come MI per sottolineare la loro importanza all'interno dell'interazione, sono tipici del parlato spontaneo, informale e delle conversazioni non pianificate: questi dispositivi ancorano il testo al parlante che produce il messaggio e all'interazione stessa, segnalando la presa di turno, la cessione del turno, il mantenimento del turno, la ricezione del messaggio ricevuto, oppure indicando esitazione, accordo o disaccordo. Si prenda in considerazione il testo orale riportato di seguito (estratto dal *corpus CRPC*):

- 3) A: **olha**, também veio cá aquele tipo que serra a mulher ao meio?
 X: **hum, hum** (...) **ah!** foi, foi o máximo! **quer dizer**, não achei, **quer dizer**, não achei assim muita piada mas aquilo tá muito bem feito e então convidaram o, convidou o público todo a ir lá ver, verificar se (...) aquilo era uma porcaria qualquer de plástico. sei lá, as tripas e o sangue a sair dum saquinho.
 B: fazem sair as tripas e o sangue?
 X: não! **é, é** de plástico.
 B: ah!
 X: mas por acaso pareciam mesmo...
 A: e o público verificou que eram de plástico?
 X: eu não sei. eu verifiquei, que eram de plástico, **agora** se o, se outras pessoas verificaram ou não, não sei. há lá um certo número de pessoas com um ar muito comovido e até disseram, até disseram que ele não devia ter feito aquilo.
 A: porquê?
 X: porque são parvas. Porque não atingiram que aquilo era de plástico.
 A: **então**, mas aquilo é uma serra, **não é?** Uma espécie duma serra redonda, **não é?** Que serra uma mulher ao meio. E, e...
 X: não ser[ra], não é ao meio, serra assim um, um ligeiro corte.

A: ai é? **então** como é o truque? como é que achas que é? é que eu sei. eu sei, eu por acaso sei qual é esse truque. mas diz lá o que...

X: **pois**, se é, se é o que eu penso.

A: deixa lá ver se descobres...

X: e **portanto** o, a, a gaja tá lá deitada e há... sei que ele fez lá um gesto. **portanto**, dobrou o, o paninho e desconfio que nesse paninho que está incluído um saquinho qualquer com essa tripa, esse líquido, parece, parece sangue, **não é?** e a serra, **portanto**, tá de tal maneira posta que não, **não, não, não** toca no corpo da rapariga, apenas toca nesse saquinho. **portanto** rebenta o saco e, parecendo que toca no, **portanto**, fazem[do], parecendo que o saco faz parte do corpo da gaja, **não é?** é isso, **ou não?**

A: é.

X: **pronto**, descobri.

A: é. **quer dizer**, a rapariga tem uma es(...), tem um; mas não; esse saquinho, o saquinho vem dentro do vestido da rapariga.

X: pois, pois.

A: vem dentro do vestido da rapariga e a rapariga tem, ele, quem me contou foi o tal np que faz a apresentação em lisboa, a rapariga tem, a... tem um, um cor(...), não tem praticamente barriga, tem uma barriga muito, muito...

X: muito pequenina.

A: muito pequenina. e então tem o saquinho aqui, e portanto, o, quando a serra vem, ele diz que se nota, perfeitamente que é impossível que... a... no(...) nota-se perfeitamente que a serra vem até mais baixo que o corpo da rapariga, mas ela, de si própria já deve encolher a barriga quando a serra...

X: **pois**.

A: quando a serra passa por ali...

X: mas depois ela não tá com, não tem éter. não lhe, não lhe põem éter? tenho impressão que cheirava lá imenso a éter.

A: ai sim? ai talvez...

X: desconfio que, que a adormecem com éter porque ela é um bocado, - sei lá! - ela já podia era oferecer uma certa resistência, tar com um certo receio, e, e...

A: aquilo deve aterrorizar bastante...

X: **e, não**, e mexer-se, e portanto podia-lhe cortar mesmo. não sei, tenho a impressão que, que puseram éter.

A: porque ela depois não se levanta, no fim de estar cortada ao meio?

X: levantam-na e ela ficou...

A: **ah**, é?

X: a dormir. não sei, agora pode ser que, pode não ser, pode ser tudo fita. agora há lá um gajo, portanto, o, que, que enfia umas espadas no corpo e mai[s] não sei o quê. eu não achei muita piada, nem me lembro desse número.

A: de que é que gostaste mais?

X: eu gostei foi - ah! que estava excepcional! - um, **portanto** aparece lá um cientista com o seu computador - **pá!** isso está excepcional, **mesmo!** e então isso sim é o máximo! - entra um cientista vestido de

branco, muito alto, assim com um aspecto muito esquisito, um andar muito esquisito também, e ele, ele parece, ele também parece um computador, **não é?** ia lá com umas maquinas e entra **o, o, o**, aparece, tão umas pernas em cima do, desse computador, o indivíduo entra com um bandeja com um, um tronco, coloca a bandeja em cima do computador, portanto, pega nas pernas, põe-nas atrás do computador, e coloca o tronco em cima. evidentemente que aquelas pernas, fo[ram], foram atiradas lá para trás, e, e o indivíduo que vinha na bandeja, era, era, era mesmo um indivíduo com tronco e membros mas tavam os, as pernas escondidas de qualche[r] maneira.

B: mas se vinha na bandeja...

X: **bolas!** isso é, é uma espécie - sei lá! - de uma bandeja, mas as pernas tavam escondidas - sei lá! - tudo embrulhado em pano branco, mais não sei quê. mas o indivíduo que fazia de computador tava excepcional! fazia tudo, os movimentos. (n° 0029)

Come dimostra l'esempio 3), nella lingua parlata ricorrono con grande frequenza, fenomeni linguistici che interrompono il flusso conversazionale, rendendolo discontinuo. Nella produzione linguistica spontanea è comune l'uso di alcuni supporti linguistici per sviluppare un'idea, per chiarire un concetto per prendere la parola, "o arrimo para as hesitações, tempo para as escolhas, ressalva para o erro ou porta-voz para a emenda, solidariedade para o raciocínio, convicção para o argumento, interpelação para quem escuta" (Borba e Marques 1993, p. 61). Alcuni esempi di questi dispositivi sono presenti nell'esempio sopra presentato, altri sono: *olha, ouve lá, percebes, certo? tás a ver, pois, por favor*, e altri ancora sono: *Bom, olha, né? eu acho o seguinte, percebeste? Portanto*; tutti dispositivi tipici della modalità parlata, spontanea, del PE.

Se l'uso nella modalità scritta è visto come direttamente collegato ad aspetti retorici e semantici della strutturazione del discorso, i dispositivi legati all'interazione, sono stati per diverso tempo stigmatizzati dalla tradizione grammaticale e trattati come forme vuote del discorso. Nonostante vari studi sull'argomento e il riconoscimento della loro importanza nell'interazione, questi dispositivi interazionali non sono riconosciuti da molte grammatiche normative al pari delle altre categorie tradizionali (cioè, nome, verbo o coniugazione) essendo appena presenti nelle grammatiche descrittive di tipo funzionalista (per la lingua portoghese cfr. Freitag 2007). Difatti, per tanto tempo questi elementi linguistici non sono stati analizzati, se non addirittura considerati come errori o tratti tipici del parlato non monitorato o informale, "criticati come inutili spezzature, segno d'insicurezza grammaticale e logica" (Satta 1981, p. 64 *apud* Berruto 1987, p. 92).

2.1. Il marcatore discorsivo, o bordão e altre etichette

Dal 1970 l'interesse nei confronti dei MD è aumentato di pari passo con il crescente interesse per la produzione e la comprensione del discorso e, più in generale, per l'interpretazione dell'enunciato nei suoi aspetti concreti e contestuali. Questa maggiore attenzione verso gli aspetti pragmatici ha portato a uno studio dei MD come elementi della struttura linguistica che sembrano più direttamente coinvolti nella relazione tra enunciati. Perciò, la ricerca su questi dispositivi discorsivi si è allargata continuamente durante gli anni Ottanta e Novanta del secolo scorso, con il risultato che tali termini figurano, ormai da tempo, non solo nella ricerca pragmatica e nell'analisi del discorso ma anche negli studi sull'acquisizione e apprendimento del linguaggio, e nella ricerca sociolinguistica (dalle questioni di genere al *code-switching*).

L'attenzione verso questi dispositivi linguistici, sul finire degli anni Novanta del secolo scorso, è collegata alla ricerca sui possibili tratti in comune tra pragmatica e semantica: i MD sono stati visti oltre che come un aspetto inesplorato del comportamento linguistico, anche come base per testare eventuali ipotesi di confine tra pragmatica e semantica (cfr. Grice 1975; Fischer 1998; Carston 2008).

The study of discourse markers clearly requires focus on communicative as well as cognitive aspects of linguistic knowledge, and on units that are of various sizes, often, but not exclusively, larger than sentences are traditionally studied in grammatical theory (Hansen 1988: 122 refers to “communicative acts” as the relevant functional unit within their scope). In other words, they draw attention to the importance for linguistic theory not only of structure but also of use, for example, of dependency on the speech situation as well as on linguistic expression (co-text). They challenge the notion of the sentence as the prime unit of linguistic analysis, and also draw attention to the importance of interfaces, whether between semantics and pragmatics, or between meaning and sound, especially intonation. (Traugott 2007, p. 141 *apud* Coutinho 2008, p. 194)

Come afferma Traugott (2007), lo studio di questi dispositivi rappresenta una sfida e uno stimolo per la ricerca sugli atti linguistici, sull'interfaccia tra aspetti segmentali e soprasegmentali e per lo sviluppo dei concetti di frase ed enunciato. Sfida che ha portato a questo “boom” di studi sui MD che si è concretizzato, negli anni, in una ricerca estesa e condotta con vari approcci, e una serie di classificazioni e risultati diversi fra loro (vd. Penhavel 2012).

The overabundance of terms and definitions in this area cannot be ascribed to claim-staking or fashion. In general, the term and definitions used in each framework are chosen to reflect theoretical preoccupations, to avoid unwanted associations, or to rule in or out particular linguistic items or functions. Such variation is to be expected in an area that has (...) become a focus of intensive study and which bears on many different areas of discourse research,

cognitive, social, textual, and linguistic. On the other hand, so long as such uncertainties exist, DM must remain a term with theoretical aspirations, but whose precise reference remains at issue. (Schourup 1999, p. 242)

Come scrive Schourup, in definitiva, una vasta ricerca che, partendo da basi teoriche diverse e lavorando con modalità differenti, ha portato ad una abbondanza di risultati diversi, principalmente nella terminologia. In definitiva, le etichette utilizzate per identificare questi dispositivi e le relative definizioni a volte di sovrappongono (o si assomigliano) e a volte divergono l'una dall'altra, perché considerano come MD alcuni elementi linguistici e ne escludono altri (vd. Jucker 1998).

Per quanto riguarda la lingua portoghese, Freitag (2009) parla di un “*baby boom*” degli studi sui MD in Brasile, durante gli anni Novanta del secolo scorso - seguendo così le tendenze della ricerca internazionale, in questo ambito. La lingua parlata non ha avuto lo stesso successo in Portogallo, dove, fatte le dovute eccezioni, solo da poco tempo la modalità parlata ha iniziato ad interessare la comunità accademica. Per questo motivo, probabilmente, i lavori sui MD nel PE non abbondano; abbondante è invece la produzione scientifica di pochissimi ricercatori portoghesi al riguardo che fanno da riferimento per lo sviluppo di uno studio più ampio e articolato di questi elementi linguistici nella varietà europea della lingua portoghese (vd. Lopes 1997, 1998, 2000, 2004, 2016; Lopes-Damasio 2011).

2.1.1. O bordão

In ambito portoghese, i dispositivi testuali e pragmatici, qui presentati, sono conosciuti e riconosciuti dai più come *bordões*. Come scrive Borba e Marques (1993; della quale si segue qui tutto il ragionamento sull'origine della parola) *bordão* viene dal latino volgare *burdōne* < *burdō/ōnis* che significava *mula*, ‘*mestiço de cavalo e de burra*’:

Seguindo uma evolução semântica paralela à que se deu para *mula* > *muleta*; *cavalo* > *cavalete*, passa do nome do animal à designação de uma forma de apoio. De certo modo, *bordão* é o «muar do peregrino» (Borba e Marques 1993, p. 64)

I dizionari Michaelis, Houaiss e Machado concordano, al di là dell'etimo della parola e della sua origine (se latina o celta), definendo il *bordão* come una parola che si ripete nel parlato e nello scritto e che ha il valore semantico di enfatizzare: *levar*, *suster* (portare, sostenere).

Como quer que seja, e em edição recente, A. Geraldo da CUNHA atesta para o significado ‘cajado, bastão, vara’, as formas *bordon* (para o séc. XIII) e *bordom* (para o se. XIV) como derivadas do latim *burdonem* ‘mulo’ seguindo a evolução semântica já apontada de «o *bordão* servir de muar ao peregrino».

(em português moderno bordão, em galego, bordón). (Borba e Marques 1993, p. 64)

Borba e Marques (1993, p. 66), basandosi sui dizionari di autori come Jerónimo Cardoso, Agostinho Barbosa, Bento Pereira e sui lavori di Rafael Bluteau, trova il vocabolo *bordão* principalmente con il significato proprio; soltanto un esempio dei tanti riporta il senso figurato della parola:

Em Jerónimo Cardoso (1569) ao citar um adágio em que bordão só pode ter essa interpretação: «semi baculus maxillae, BORDÃO de velho, boas queyxadas. Dá a entender, que a velhice, mais se sustenta com o bom comer & melhor beber, que cõ andar arrimado e hu cajado: E daqui vêm os ditos dos velhos, que he: Eu com meus dentes me sustento, donde veyo hua adevinha, que diz ass: Os velhos andem com os dentes & os mancebos com os pês» (fol. 223 r (p. 4259), entr. 5) (Borba, Marques 1993, p. 66)

È questa idea di ‘appoggio’, ‘ausilio’, che si è mantenuta nel termine in questione per indicare i dispositivi linguistici utilizzati nel soggetto che produce il messaggio per aiutare il suo ragionamento interno, per enfatizzare qualcosa in particolare di quanto sta esprimendo o per attirare l’attenzione del suo interlocutore. Bisogna aggiungere che, nella definizione, l’etichetta indicava appena quegli elementi tipici del parlato non programmato o informale.

Nell’ambito degli studi linguistici e pragmatici sul PE, il termine *bordão* aggiunge un’ulteriore etichetta nell’ambito degli studi su questi dispositivi linguistici (un campo in cui sicuramente non si avverte la necessità di ulteriori etichette data l’abbondanza di queste). Inoltre, *bordão* rischia di chiudere l’analisi all’area del PE: il termine non si inserisce in alcun modo in quella scia lasciata da altre etichette che la ricerca in questo campo ha man mano presentato (ognuna con le proprie dovute specificità). Per questo motivo, è preferibile allineare la terminologia con le tendenze più generali - così come già fatto da alcuni ricercatori portoghesi (vd. Lopes 2016). Un esempio è l’etichetta *marcador conversacional*² già in uso sia in ambito portoghese sia in ambito brasiliano (vd. Freitas, Ramilo 2005; Risso 2006).

Ciò conferma quanto affermato precedentemente, cioè che esistono posizioni teoriche e metodologiche diverse che utilizzato altre e tante etichette. Nondimeno, il termine MD è il più popolare di una serie di nomi utilizzati per identificare questi componenti del discorso (Schourup 1999). In questo lavoro è stato scelto di utilizzare l’etichetta ombrello “marcatore

² I primi ad usare etichette come *marcador conversacional* o *operadores conversacionais* (vd. Preti 1987), sono stati i linguisti brasiliani (vd. Urbano 1990, 1995); più attenti al parlato di quanto lo siano stati finora i ricercatori portoghesi - Ci si riferisci, qui, alla produzione di grammatiche del parlato e a studi che privilegiano l’uso linguistico rispetto al sistema.

discorsivo” con un’accezione inclusiva, considerando marcatori discorsivi tutti i costituenti funzionali di un messaggio linguistico che modificano, in vari modi, il valore proposizionale del messaggio, portando il ricevitore di tale messaggio alla comprensione del contenuto ideazionale del messaggio e dell’eventuale atto linguistico che tale messaggio veicola (cfr. Schiffrin 1987). Come afferma Schourup (1999), il termine è usato con varie accezioni, sebbene nasca con un senso esclusivo e siano state tentate varie definizioni più precise di quella qui fornita.

The term DM has a narrower range of reference and has been subject to more precise attempts at definitions (...). This is not to say that DM has an agreed reference: within its restricted referential range DM is used in a bewildering variety of ways (Schourup 1999, p. 230).

Questo gruppo dei MD è poi a sua volta, come già detto in precedenza, suddiviso in due sottogruppi che intendono sottolineare la presenza di questi elementi nelle due modalità della lingua (scritto e parlato) e poter, così suddividere il lavoro di ricerca occupandosi ora dei CD, ora dei MI, con i primi che operano delle funzioni pragmatiche e testuali nella lingua scritta, e i secondi, nella lingua orale.

Possono fungere da dispositivi discorsivi: operatori di coordinazione, operatori di coordinazione avverbiale, avverbi frasali, interiezioni,³ sintagmi verbali, sintagmi preposizionali ed espressioni frasali. Si tratta di elementi che vengono da tutte le tradizionali categorie grammaticali - probabilmente, è proprio questa varietà interna al gruppo, oltre che una forte dipendenza dal contesto, che rende ardua una loro classificazione.

Parlando di funzioni, pragmatiche e testuali, per entrambi i sottogruppi, potrebbe apparire superflua una suddivisione interna al gruppo dei MD. Tuttavia, come si vedrà successivamente, in alcuni casi non cambiano le funzioni, ma i dispositivi che le svolgono in base alla modalità. In altri casi, lo stesso MD può svolgere varie funzioni per la sua capacità sintagmatica e paradigmatica. Un gomitolo di possibilità così intricate può essere dipanato soltanto definendo il parlato e lo scritto, il discorso e la conversazione.

2.2. La classificazione dei MD: Connettivi Discorsivi e Marcatori Interazionali

Sebbene la classe dei MD non disponga di criteri definitivi sufficientemente precisi, la bibliografia disponibile presenta un importante punto di convergenza riguardo alle funzioni dei MD. Si può osservare, in vari autori, una distribuzione dei MD in due gruppi, uno più strettamente integrato alle

³ È utile ricordare che non tutti i ricercatori concordano nell’inserire questi elementi nel gruppo dei MD.

componenti ideazionale e testuale del messaggio, un altro più legato alla componente interpersonale del sistema linguistico. Pertanto, è possibile affermare che i MD si dividono tra CD (connettivi discorsivi) e MI (marcatori interazionali). I primi prototipicamente più vicini ad una modalità scritta della lingua e i secondi più vicini alla modalità orale. Quando un elemento presenta un valore più testuale, è responsabile per l'organizzazione del *topic* discorsivo. D'altro canto, quando un elemento presenta un valore più interattivo, la sua funzione principale si lega alla gestione dell'interazione stessa.

I MD, nella fattispecie i CD, esercitano funzioni testuali quando agiscono nell'organizzazione del contenuto informativo del discorso - in questo caso, si integrano ai componenti ideazionali e testuali del linguaggio, operando ad un livello gerarchicamente superiore rispetto a quello della frase. Funzionano come meccanismi di coesione testuale, stabilendo alcune relazioni semantiche e, a volte, quasi puramente strutturali tra diverse unità discorsive funzionando come dispositivi per l'apertura, l'espansione, la ripresa e la chiusura di *topic*, oltre che per la distinzione delle strutture di figura e di fondo (cioè, per enfatizzare una parte del messaggio rispetto al resto). Come detto precedentemente, alcune forme tipiche che realizzano queste funzioni sono: *agora*, *então*, *e*, *mas*, *ai*, *ou seja*, *enfim*, *em resumo*, *quer dizer* ed altri ancora.

I MD, nella fattispecie i MI, esercitano funzioni interazionali quando agiscono nella preparazione e formulazione dell'interazione conversazionale, quando svolgono delle funzioni sopraggiunte direttamente dalla relazione faccia a faccia tra gli interlocutori, integrando, pertanto, la componente interpersonale della lingua.⁴

A tal proposito, Risso (1996; vd. anche Risso *et. al.* 2006) fornisce una descrizione dettagliata dei MD dividendoli in due gruppi: i MD prototipicamente sequenziali e quelli prototipicamente interazionali.⁵ Tenendo conto delle caratteristiche intrinseche delle due modalità principali di trasmissione del messaggio (scritto e parlato), è possibile affermare che i CD sono prototipicamente sequenziali, mentre i MI sono prototipicamente interazionali.

Un'ulteriore suddivisione è proposta da Marcuschi (1986) che divide i MD in tre grandi gruppi: verbali, non verbali e soprasedgmentali. I primi, i verbali, sono parole ed espressioni. I marcatori non verbali hanno invece a

⁴ Per questo motivo è possibile etichettarli come Marcatori Interazionali per distinguerli dai connettivi discorsivi.

⁵ L'autrice afferma che i MD devono essere considerati come multifunzionali perché, come tutti i meccanismi testuali, svolgono la funzione di orientare l'interazione – ciò che li differenzia è il diverso grado di orientamento che presentano (vd Rost Snichelotto 2008) . Come vedremo questa è la posizione adottata da altri ricercatori e qui assunta come l'unica produttiva per la ricerca sui MD.

che fare con la prossemica (ad esempio, il riso e i gesti); mentre i marcatori soprasedimentali hanno a che fare con i tratti prosodici. Generalmente, si tratti di tratti, quelli verbali, soprasedimentali e prossemici, che concorrono durante l'interazione tra due parlanti. Già nel 1934 Correia, citando Francisco Rodrigues Lobo, distingueva i marcatori orali da quelli “gesticulados”:

O bordão ou estribilho da conversação é facto correntio, que Francisco Rodrigues Lobo, na Corte na Aldeia, pretendeu já analisar e sistematizar. Este nosso escritor – aliás pouco merecedor doo olvido em que caiu, porquanto é, não raro, além de aprimorado estilista, um feliz observador dos homens e as coisas – classificou os bordões em orais e gesticulados, distinguindo ainda nesta última espécie, os de acção sobre os outros, como bater no ombro ou puxar pela gola do interlocutor, e os de acção sobre nós próprios, como roer as unhas ou cofiar a barba. Tanto a uns como a outros, Rodrigues Lobo condenava como coisas indignas da conversação ou prática elegante. Enumerando os vícios desta, diz mesmo o seguinte – que tem o mérito de tornar transparente a metáfora que a palavra bordão encerra e de vislumbrar uma das causas essenciais do facto: «O quarto ir-se arrimando a bordões para que lhe acudam em tanto as palavras» (Correia 1934, p. 142)

Riprendendo la suddivisione dei MD tra CD e MI, è possibile affermare che i primi hanno una componente strettamente linguistica, verbale, mentre i secondi, i MI, possono essere caratterizzati anche da tratti prossemici e prosodici.

2.3. Definizione dei MD

Dino Preti (1987) definisce questi dispositivi linguistici come *Marcadores o Operadores Conversacionais*: “Vocábulos ou expressões estereotipadas, quase sempre desprovidas de valor semântico e de papel sintático, que funcionam como elementos de interligação para os vários segmentos do discurso” (Preti 1987, p. 2). Si tratta di una definizione sicuramente efficace che riassume gran parte della ricerca sui MD e che non pone particolare enfasi sul tipo di discorso in cui questi dispositivi linguistici sono presenti, se si tratta di discorso scritto o di discorso parlato. Si consideri, però, che l'autore parla di termini quasi sempre sprovvisti di valore semantico e perciò si deduce che ha come riferimento, per questa definizione, il discorso orale. Com'è possibile notare nella definizione successiva, anche Gamberleck (1990) pone l'accento sull'aspetto interazionale del discorso orale.

Denominamos marcadores conversacionais as palavras e as expressões que permeiam a linguagem falada para proceder a abertura, continuidade e fechamento de um ato conversacional; para marcar a pontuação e mudança de assunto ou tópico; para marcar mudança de interlocutores, para despertar nestes interesses e curiosidades e para reforçar os pensamentos expostos,

tornando a *linguagem falada dinâmica e expressiva* (Gamberleck *et al.* 1990, p. 71)

Sebbene Schiffrin (1987), all'interno della sua analisi *coherence-based*, li definisca come elementi sequenzialmente dipendenti utilizzati per dividere le unità della conversazione, successivamente li definisce:

Linguistic, paralinguistic, or non-verbal elements that signal relations between units of talk by virtue of their syntactic and semantic properties and by virtue of their sequential relations as initial or terminal brackets demarcating discourse units. (Schiffrin 1987, p. 40)

I MD contribuirebbero alla coerenza del discorso stabilendo coordinate multiple simultanee, facilitando quindi l'integrazione, la coesione, di vari componenti della conversazione e del discorso. Ogni marcatore è principalmente associato: i) con uno dei piani conversazionali; ii) con il parlante e l'interlocutore; iii) con la parte precedente del testo e/o quella successiva.

Linguistic, paralinguistic, or non-verbal elements that signal relations between units of talk by virtue of their syntactic and semantic properties and by virtue of their sequential relations as initial or terminal brackets demarcating discourse units. (Schiffrin 1987, p. 40)

La definizione dei MD fornita da Schiffrin (1987) trova un'ulteriore sviluppo nel lavoro di Bazzanella (1985, 1990, 1995, 2008) che definisce questi dispositivi semantici e pragmatici come elementi che collegano varie parti del discorso rendendo il testo coeso e coerente sia nella modalità scritta che nella modalità orale. Stabilendo, così, un campo d'azione per questi elementi che tocca lo scritto e l'orale.

I [marcatori] discorsivi sono quegli elementi che, svuotandosi in parte del loro significato originario, assumono dei valori aggiuntivi che servono a sottolineare la strutturazione del discorso, a connettere elementi frasali, interfrasali, extrafrasali e a esplicitare la collocazione dell'enunciato in una dimensione interpersonale, sottolineando la struttura interattiva della conversazione (Bazzanella 1995, p. 225).

In una conversazione, i turni di parlante e ascoltatore, insieme ad altri elementi non linguistici, fanno parte della stessa trama: testo e contesto si modificano a vicenda (Sacks *et al.* 1974; Bazzanella 2008; vd. anche Bazzanella *et al.* 2006 e Bazzanella 2011). Così gli elementi frasali si collegano tra di loro, il cotesto, in uno spazio cognitivo correlato al contesto. Il contesto, a sua volta, è sia locale sia globale poiché può essere di tipo testuale che cognitivo e situazionale. Per questo motivo, oltre a funzionare su diversi livelli del discorso – ideazionale, a livello attuativo, di turnazione, e di strutture partecipative – i MD possono operare a livello globale e locale

(Kyratzis, Ervin-Tripp 1999) collegando, come dice Bazzanella, elementi frasali, interfrasali ed extrafrasali. Si può approfondire la questione aggiungendo che i CD lavorano a livello locale, quando si riferiscono a relazioni tra unità adiacenti, e sono globali, quando segnalano riferimenti e relazioni tra unità più grandi e più distanti. I MI funzionano come l'attacco di un primo turno conversazionale e, a volte, sono collegati ad un enunciato (o al turno) precedente e così via.

2.4. Caratteristiche dei MD

In sintonia con Pinto de Lima (*apud* Faria 1996, p. 421) è possibile stabilire dei principi generali che riguardano tutti i MD (sia i CD sia i MI): I MD non costituiscono una categoria grammaticale ben definita, ma includono un gruppo di elementi funzionalmente collegati, estratti dalle diverse categorie che possono essere raggruppati in base alle caratteristiche comuni. I MD hanno una semantica, ovvero è plausibile parlare di significato di un connettore o di un marcatore. Il significato di un connettore è una regola semantica peculiare (cfr. Lyons 1977). In essa oltre al riferimento a valori di verità, c'è anche un riferimento al tipo di atto linguistico che il marcatore permette di praticare rendendo implicita una parte del messaggio. Un'implicazione convenzionale, nel senso di Grice, non è altro che una implicazione veicolata da una regola semantica; la variabile X, nell'espressione *implicitar que X*, può assumere diversi valori, che corrispondono a diversi significati del marcatore. Un MD è una forma polisemica (cfr. anche Lopes 2016); i diversi significati di un MD sono relazionati, essendo casi di derivazione. La forma in cui un significato può derivare da un altro passa, cioè, per l'esistenza di possibili usi del MD in atti conversazionali individuali (*act-tokens*), portatori d'implicazioni conversazionali. Attraverso l'accumulo routinario di tali atti, sempre con lo stesso tipo di implicazioni conversazionali, che si sviluppa un nuovo uso del dispositivo linguistico (vd. processo di grammaticalizzazione).

2.4.1. Connettività

La prima particolarità è la connettività, cioè la loro capacità di collegare enunciati o altre unità discorsive. Per Fraser (1996), per esempio, un MD è un'espressione che segnala la relazione tra il messaggio base e il discorso precedente. Anche la definizione funzionale di Schiffrin (1987, p. 31) come di elementi sequenzialmente dipendenti utilizzati per distinguere le varie unità della conversazione rispecchia come caratteristica base la connettività. Come è stato sostenuto in precedenza, i MD sono elementi che lavorano per

necessaria.⁶ Le definizioni di Schiffrin e Fraser specificano che i MD, collegando due unità testuali, contribuiscono alla coerenza *inter-utterance*, mentre altri studiosi come Blakmore (1987) e Lenk (1998), in base alla Teoria della Pertinenza, affermano che è preferibile non concepire i MD come elementi che legano due segmenti del testo, ma come elementi che stabiliscono un rapporto tra il contenuto proposizionale, espresso dall'enunciato in corso, in relazione ai presupposti che possono o meno essere espressi da un enunciato precedente o successivo. È facile comprendere come le diverse analisi si possano unire in una visione dei MD come elementi che rendono coeso e coerente il testo nel suo contesto, sia che si tratti di un discorso scritto sia che si tratti di una interazione faccia a faccia (cfr. Bazzanella, Damiano 1999).

2.4.2. Opzionalità

Altra caratteristica dei MD è l'opzionalità ovvero i MD non alterano la grammaticalità di una proposizione. Non allargano le possibilità della relazione semantica degli elementi che associano perché, se un MD è omissivo, la relazione che esso segnala è ancora disponibile all'interlocutore (sebbene non più esplicitamente suggerita). I MD mostrano e/o riflettono connessioni proposizionali esistenti e guidano l'ascoltatore verso la giusta interpretazione, escludendo le varie interpretazioni non pertinenti (cioè, non creando delle strutture, ma limitandosi a evidenziare la giusta interpretazione tra le varie possibili). In generale, è possibile dire che qualunque relazione è possibile senza marcatori, ma solo una relazione è possibile di fronte a un marcatore e che ogni MD ha una serie di valori semantici, o di funzioni, che permettono di intuire il significato di un determinato messaggio.

2.4.3. Nessuna partecipazione alle condizioni di verità

La *Non-truth-conditionality* è un'ulteriore caratteristica dei MD, secondo la quale i MD non contribuiscono alle condizioni di verità dell'enunciato. Non ci soffermeremo qui sul concetto di verità perché vorrebbe dire esporre le principali posizioni sull'argomento (vd. Rosales Sequeiros 2012), ci limiteremo, piuttosto, a presentare brevemente un esempio per spiegare meglio la questione (si invita a leggere Blakemore 2005, 2008):

- 4) Trouxe água e cerveja.

⁶ Sebbene concepita in maniera diversa secondo l'approccio utilizzato. Si tenga conto che, per esempio, c'è disaccordo riguardo alla possibilità che la connettività di un MD possa coinvolgere più di un'unità testuale.

- 5) Eles não bebem vinho.
- 6) Trouxe água e cerveja pois eles não bebem vinho.

Il valore di verità di 4) e 5) si mantiene e non dipende dalla presenza della parola *pois* nell'esempio 6). Per questo motivo, parlando dei MD è possibile affermare che il valore di verità si mantiene a prescindere dalle connessioni logiche che i connettori, come in questo caso, instaurano tra due frasi.

2.4.4. *Partecipazione al contenuto proposizionale*

I MD, per questa caratteristica, si dividono. I MI, essendo strumento dell'atto linguistico, non rientrano nel contenuto proposizionale e, rimanendo esterni al valore semantico di un enunciato, non fanno parte della frase. Si può facilmente osservare quanto detto mediante l'analisi delle proprietà sintattiche relative a interrogabilità, sostituzione tramite pro-forme ed eliminabilità.

[O]s marcadores interacionais não são constituintes sentenciais, são exteriores ao conteúdo proposicional e sintaticamente independentes de suas unidades adjacentes. Algumas formas típicas são: entende?, né?, sabe?, ta?, bom..., olha..., certo, claro, sei, uhn uhn etc. (Penhavel 2005, p. 1299)

I CD, invece, pur creando delle interpretazioni coerenti e funzionando come elementi di coesione, partecipano, seppur in maniera variabile in base alla casistica presa in considerazione, al contenuto proposizionale.

- 7) Eu prometo que vou estudar.
- 8) **Portanto**, prometo que vou estudar.
- 9) **Xiça!** Eu prometo que vou estudar!

Il contenuto proposizionale degli esempi (7 – 9) è sempre lo stesso: “vou estudar”. Anche nel terzo caso, al di là del valore contestuale che può avere l'interiezione *xiça*, il valore proposizionale non muta. Ciò che muta è il valore contestuale e ideazionale degli enunciati (7 – 9).

2.4.5. *Capacità deittica*

Tra le caratteristiche dei MD c'è anche da rilevare la capacità deittica all'interno del discorso e della conversazione, giacché i marcatori forniscono le coordinate contestuali in cui un enunciato è prodotto e interpretato. I CD offrono, al destinatario del messaggio, un'interpretazione a livello frasale permettendo collegamenti di tipo anaforici e cataforici, quindi testuali, e agevolando la posizione intellettuale di chi produce il messaggio rispetto alle parti stesse che il connettore unisce: *ao invés*, *de todo modo*, *pois*, indicano chiaramente un collegamento intrafrasale con diversi valori semantici.

2.5. Usi primari e marcatori

È un dato di fatto che ogni lingua ha i propri MD e che solo in parte questi trovino un corrispettivo in un'altra lingua. Il MD del PE *pronto* o dell'inglese *well* non hanno un diretto corrispettivo in italiano. Però, *allora*, *entonces* e *então* sono pressoché sovrapponibili. Per questo motivo, con la giusta prudenza e un'analisi attenta, si possono trarre delle regole generali e delle caratteristiche generali. In questo modo è possibile utilizzare l'analisi dei MD svolta da Bazzanella (1995) sulla lingua italiana per una analisi dei MD nel PE.

Per distinguere gli usi primari di questi elementi, caratterizzati dal significato letterale degli stessi in uso 'normale', dalle situazioni in cui funzionano come MD, realizzando valori speciali o effetti pragmatici, possiamo dire che nell'uso pragmatico l'operatore di coordinazione che assume la funzione di MD esprime una relazione tra atti linguistici (v. es.10), mentre nell'uso primario esprime solo una relazione tra fatti (v. es.11):

10) A: Alberto, o bife está bom? Dizem que é a minha especialidade.

B: Oh e devem ter toda a razão, este bife está divinal.

11) Aquele gajo que foi uma vez ao teatro e ficou a picar a gaja da bilheteira!

Nel discorso indiretto i MD vengono realizzati da elementi lessicali diversi, così come accade nelle frasi eco; gli elementi corrispondenti ai MD, nel loro uso primario, restano invariati - nel discorso diretto anche i MD possono essere mantenuti, con un effetto di maggior aderenza al parlato.

Gli avverbi temporali, nel loro uso primario, codificano linguisticamente lo sviluppo del tempo degli eventi (prima, ora, dopo); gli stessi avverbi, usati come MD, perdendo il loro valore temporale specifico, indicano 'il tempo del discorso': il tempo del parlante e dei suoi schemi mentali, il suo riferirsi agli eventi e alle informazioni della comunicazione. Il tempo relativo a sintagmi verbali del tipo *olha*, *digamos*, usati come segnali discorsivi, coincidono sempre col momento dell'enunciazione, che è, quindi, il presente:

12) **Olha**, o café está pronto. (o que foi?)

Nell'uso primario gli stessi elementi rispettano una posizione fissa nella frase, mentre nell'uso pragmatico questo non succede (sebbene alcuni ricorrono poi, nell'uso comune, in determinate posizioni); i segnali discorsivi in posizione iniziale valgono spesso come meccanismi di presa di turno come nell'esempio (12 e 13) - sebbene a volte il confine tra presa/mantenimento/cessione del turno sia piuttosto labile. Abbastanza chiara

pare invece la differenza tra uso primario e uso pragmatico se si prendono in considerazione gli esempi 13) e 13a): il secondo esempio non presenta *então* per prendere la parola o per mantenere il turno conversazionale ma si tratta, chiaramente, di un uso primario.

13) **Então?** Tiveste saudades minhas. (Uma comédia infeliz)

13a) O seu passo já **então** era mais decidido e largo (CdP)

Secondo Bazzanella, i MD costituiscono spesso un gruppo tonale, preceduto e seguito da pause virtuali, mentre non lo costituiscono nell'uso primario:⁷ negli esempi 14) e 15) gli elementi evidenziati in grassetto rappresentano un unico gruppo tonale rispetto al resto dell'enunciato.

14) **E então Alberto.** O que é que você faz? (Uma comédia infeliz)

15) **Com que então,** este é que é o famoso Alberto. (Uma comédia infeliz)

I MD possono cumularsi nel loro uso pragmatico e interazionale in “catene”, cioè, possono susseguirsi come un'intera unità all'interno della proposizione, cosa che non può avvenire nel loro uso primario – dove risulterebbero come un'inutile ridondanza senza alcun significato particolare.

2.6. Riassumendo

Questa classe ‘sfuggente’ è caratterizzata da una difficoltà tassonomica, dalla loro polifunzionalità sintagmatica e paradigmatica, dalla loro sensibilità a cotesto e contesto (vd. Van Dijk 1977, 2008), dall'essere esteriori al contenuto proposizionale. I MD sono opzionali e non cambiano le condizioni di verità proposizionale negli enunciati che costruiscono, ma ciò non vuol dire che non essi non siano portatori di significato (Fuller 2003).

⁷ Sull'idea del MD come facente parte di un solo gruppo tonale non da tutti condivisa cfr. Schiffrin (1987), Fraser (1999).